

Orquestra Gulbenkian

Lawrence Renes



27 + 28 fev 25

27 fev 25 QUINTA 20:00

28 fev 25 SEXTA 19:00

GRANDE AUDITÓRIO

Orquestra Gulbenkian

Lawrence Renes Maestro

Richard Wagner

Prelúdio e Morte de Isolda

c. 18 min.

Anton Bruckner

Sinfonia n.º 7, em Mi maior

c. 66 min.

1. *Allegro moderato*
2. *Adagio: Sehr feierlich und sehr langsam*
(Muito solene e muito lento)
3. *Scherzo: Sehr schnell* (Muito rápido)
4. *Finale: Bewegt, doch nicht schnell*
(Andante, mas moderado)

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 1h 40min.
CONCERTO SEM INTERVALO

Richard Wagner

(Leipzig, 1813 – Veneza, 1883)

Prelúdio e Morte de Isolda

COMPOSIÇÃO 1857-59

ESTREIA (*Tristão e Isolda*) Munique, 10 de junho de 1865

DURAÇÃO c. 18 min.

Em 1860, em Paris, Richard Wagner dirigia um concerto com obras da sua autoria e apresentava ao público, que incluía nomes como Berlioz, Meyerbeer, Gounod e Baudelaire, o *Prelúdio* da obra-prima *Tristão e Isolda*. Alguns dos presentes desmaiaram, a imprensa ridicularizou uma música que ainda não podia entender, e até Berlioz se limitou a fazer uma análise fria, cautelosa, sem compromisso:

“uma peça lenta, que começa *pianissimo*, ascendendo gradualmente ao *fortissimo* e depois cedendo à quietude do início, sem nenhum outro tema a não ser uma espécie de lamento cromático, cheio de dissonâncias.” Apenas Charles Baudelaire (precursor do simbolismo poético) compreendeu a dimensão da obra, revelando-se “engolido, dominado por um prazer realmente voluptuoso e sensual como a sensação de ser elevado no ar ou embalado pelo mar.” O que desafiou a audiência foi sobretudo um sentido de destruição da harmonia tonal funcional como era conhecida até então, com a utilização da dissonância não como uma cor momentânea que avança para uma consonância resolvendo a tensão, mas como um elemento repetido que nunca resolve e mantém a instabilidade tonal e emocional. A intenção de Wagner nos prelúdios

das suas óperas, como neste, era preparar o espírito do ouvinte, transportando-o para o estado de alma ideal de modo a assimilar os acontecimentos e a dimensão psicológica do enredo. A ausência de conclusões harmônicas representa a angústia e a tortura do amor por cumprir. Nesta época, Wagner caminhava em direção ao ideal de *Gesamtkunstwerk* (obra de arte total) e no drama musical *Tristão e Isolda* atinge uma maturidade plena. O complexo enredo, inspirado em lendas medievais, conta a história de um amor total, sensual e sobrenatural, cuja inviabilidade e intensidade conduz a uma realização atingida apenas na morte. A primeira e última passagens da ópera, unidas numa versão orquestral exuberante, tornaram-se na obra de concerto conhecida como *Prelúdio e Morte de Isolda*. Começa *pianissimo*, com muitas pausas, como o amor interrompido dos amantes, e com a apresentação dos diversos motivos condutores (*leitmotive*). Surge o acorde de Tristão que aparece recorrentemente ao longo da obra. Isolda morre com o som das madeiras sobre luminosos violinos e o *Liebested* (morte de amor), sem a voz do soprano, traz não apenas a resolução harmônica, mas nas palavras de Wagner, a transfiguração.

SUSANA DUARTE

Anton Bruckner

(Ansfelden, 1824 – Viena, 1896)

Sinfonia n.º 7, em Mi maior

—

COMPOSIÇÃO 1881-1883

ESTREIA Leipzig, 30 de dezembro de 1884

DURAÇÃO c. 66 min.

A composição da Sinfonia n.º 7 de Anton Bruckner teve início no mês de setembro de 1881 e prolongou-se por cerca de dois anos, acompanhando uma fase criativa fértil, da qual proveio também a primeira versão do monumental *Te Deum*. Muito embora tenha sido dedicada ao rei Luís II da Baviera, pode dizer-se que a obra encerra uma outra dedicatória implícita a Richard Wagner, por quem Bruckner nutria uma enorme admiração. Em 1882, ainda antes de ter completado a partitura, Bruckner assistia à estreia de *Parsifal* em Bayreuth, evento que veio a exercer influência na conceção dramática, em larga escala, da Sinfonia n.º 7, assim como na sua instrumentação, a qual emprega, pela primeira vez, as tubas wagnerianas. Contrariando um procedimento muito habitual na sua *praxis* sinfónica, Bruckner não realizou quaisquer revisões ao autógrafo, pelo que o mesmo constitui um testemunho lídimo da capacidade inata do seu autor, no domínio da escrita orquestral pós-romântica. Longe dos tempos em que a sua música era alvo de críticas contundentes por parte dos círculos musicais vienenses, Bruckner

pôde presenciar a receção entusiástica da sua Sinfonia n.º 7 aquando da sua estreia em Leipzig, a 30 de dezembro de 1884, com a orquestra do Gewandhaus, sob a direção de Arthur Nikish. Apoiado numa forma de sonata regular, o primeiro andamento, *Allegro moderato*, mostra, desde logo, todo o alcance da inspiração melódica do compositor, o qual faz suceder três temas distintos na secção de exposição. A rara combinação tímbrica entre as cordas graves e as tubas wagnerianas deixa uma marca indelével no segundo andamento, *Adagio*, com a indicação *Sehr feierlich und sehr langsam* (Muito solene e muito lento). O terceiro andamento, *Scherzo*, tem um caráter mais descontraído, apelando remotamente aos rasgos beethovenianos, no seio de uma textura dinâmica, animada pelos ritmos de dança. O quarto e último andamento confirma o génio sinfónico de Bruckner, partindo de um conceito de amplificação de temas e motivos. A textura resultante é densa e contrapontística, em certos pontos impulsionada pela energia ímpar dos metais.

RUI CABRAL LOPES

Lawrence Renes

O maestro Lawrence Renes tem dupla nacionalidade, neerlandesa e maltesa. É muito aplaudido nos domínios operático e sinfónico, demonstrando um notável talento para encontrar o equilíbrio musical entre instrumentistas e cantores, em interpretações rigorosas e plenas de paixão.

Na temporada 2024/25, dirige a Omroep Muziek e a Orquestra de Câmara Sueca, a Sinfónica de Singapura, a Filarmónica da Malásia e as Sinfónicas de Melbourne e Sydney, entre outras orquestras. Da temporada 2023/24 destacam-se a Sinfónica da Nova Zelândia, a Sinfónica Metropolitana de Tóquio, a Residentie Orkest, a Sinfónica da Rádio Sueca, a Filarmónica do Teatro Regio de Turim e a Filarmónica de Auckland.

Em temporadas recentes, Lawrence Renes dirigiu a Philharmonia Orchestra, a Royal Scottish National, as Sinfónicas da BBC, a Filarmónica da Rádio France, a Filarmónica da Rádio Holandesa, a Filarmónica do Luxemburgo, a Filarmónica de Malta, as Filarmónicas de Oslo e de Helsínquia, a Sinfónica NHK, a Filarmónica de Seul,

a Sinfónica da Nova Zelândia, a Sinfónica do Estado de São Paulo e a Sinfónica de Milwaukee. Os compromissos operáticos incluíram a Ópera Nacional Finlandesa (*Salomé*) e a estreia de *Written on Skin*, de George Benjamin, com a Sinfónica de Xangai, no Festival de Música de Pequim. Também dirigiu produções de ópera em Bruxelas, Seattle, Lisboa e Santa Fé.

Lawrence Renes foi Diretor Musical da Ópera Real Sueca, onde dirigiu um largo repertório, desde Mozart até ao século XXI. Enérgico defensor do repertório contemporâneo, está particularmente associado à música de John Adams, tendo dirigido produções de *Nixon in China*, na Ópera de São Francisco, e *Doctor Atomic*, na Ópera Nacional Inglesa e na Ópera Nacional Neerlandesa. Dirigiu obras orquestrais de Adams com a Filarmónica de Londres, a Filarmónica de Hong-Kong, a Orquestra de Câmara Mahler e a Filarmónica Real de Estocolmo. Também trabalhou com os compositores Guillaume Connesson, Robin de Raaff, George Benjamin e Mark-Anthony Turnage.

Orquestra Gulbenkian

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de sessenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de cerca de sessenta instrumentistas, que pode ser expandido de acordo com as exigências de cada programa. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório, do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas podem também ser interpretadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora. Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório, em Lisboa, em cujo âmbito colabora com os maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos nacionais, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrinx, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. O finlandês Hannu Lintu é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian.

PRIMEIROS VIOLINOS

Ionel Manciu CONCERTINO*
Francisco Lima Santos 1º CONCERTINO AUXILIAR
Bin Chao 2º CONCERTINO AUXILIAR
Alessandro di Marco 2º CONCERTINO AUXILIAR
Pedro Pacheco
Alla Javoronkova
Ana Beatriz Manzanilla
Elena Ryabova
Maria Balbi
Maria José Laginha
Otto da Casa de Pereira
Matilde Araújo
Catarina Ferreira
Rui Cristão
Nelson Nogueira*

SEGUNDOS VIOLINOS

Anna Paliwoda 1º SOLISTA
Zachary Spontak 1º SOLISTA
Piotr Rachwal 2º SOLISTA
Jorge Teixeira
Tera Shimizu
Stefan Schreiber
Margarida Queirós
Camille Bughin
Francisca Fins
Miguel Simões
Asilkan Pargana
Catarina Resende
Sandra Rosinha*

VIOLAS

Samuel Barsegian 1º SOLISTA
Lu Zheng 1º SOLISTA
João Tiago Dinis 2º SOLISTA
Nuno Soares
Sara Moreira
Micaela Miranda
Raquel Noemi
Márcia Marques
Sara Farinha
Bárbara Ferreira

Orquestra Gulbenkian

VIOLONCELOS

Marco Pereira 1º SOLISTA
Emeraude Bellier 1º SOLISTA
Martin Henneken 1º SOLISTA
Raquel Reis 2º SOLISTA
Jeremy Lake
Gonçalo Lélis
João Valpaços
Hugo Paiva
Maria Leonor Moniz*
Pedro Fernandes*

CONTRABAIXOS

Pedro Vares de Azevedo 1º SOLISTA
Domingos Ribeiro 1º SOLISTA
Marine Triolet 1º SOLISTA
Manuel Rego 2º SOLISTA
Miguel Menezes
Diogo Pereira
Luís Ferreira*

FLAUTAS

Cristina Ánchel 1º SOLISTA
Sónia Pais 1º SOLISTA
Amalia Tortajada 2º SOLISTA
Rui Maia 2º SOLISTA*

OBOÉS

Pedro Ribeiro 1º SOLISTA
Nelson Alves 1º SOLISTA
Alice Caplow-Sparks 2º SOLISTA
CORNE INGLÊS

CLARINETES

Iva Barbosa 1º SOLISTA
Telmo Costa 1º SOLISTA
José Maria Mosqueda 2º SOLISTA
CLARINETE BAIXO

FAGOTES

Ricardo Ramos 1º SOLISTA
Vera Dias 1º SOLISTA
Raquel Saraiva 2º SOLISTA
CONTRAFAGOTE

TROMPAS

Luís Duarte Moreira 1º SOLISTA
Kenneth Best 1º SOLISTA
Pedro Fernandes 2º SOLISTA
Antonia Chandler 2º SOLISTA
Daniel Canas 1º SOLISTA*
Kevin Cardoso 2º SOLISTA*
Luís Vieira 2º SOLISTA*
Rodrigo Carreira 2º SOLISTA*
José Alexandre Marques 2º SOLISTA*

TROMPETES

Carlos Leite 1º SOLISTA
José Pedro Pereira 2º SOLISTA
Davide Lopes 2º SOLISTA*

TROMBONES

Sergi Miñana 1º SOLISTA
Rui Fernandes 2º SOLISTA
Thierry Redondo 2º SOLISTA
TROMBONE BAIXO

TUBAS

Amílcar Gameiro 1º SOLISTA
Xavier Novo 1º SOLISTA*

TIMBALES

Rui Sul Gomes 1º SOLISTA

PERCUSSÃO

Abel Cardoso 2º SOLISTA
Cristiano Rios 2º SOLISTA*

HARPA

Ana Aroso 1º SOLISTA*

* Instrumentista convidado

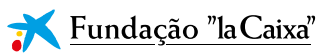
COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Américo Martins
Marta Ferreira de Andrade
Pedro Canhoto
Fábio Cachão
Inês Nunes

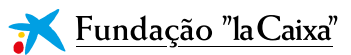
A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



Apoiamos *a cultura* para *melhorar* *a sociedade*



MECENAS
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIO GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS
CONCERTOS PARA PIANO E ORQUESTRA



MECENAS
SEGURADORA OFICIAL



MECENAS
CICLO DE PIANO



De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa foi impresso em papel produzido a partir de florestas plantadas com gestão sustentável, oferecido pela **The Navigator Company**.

